

*Carta aos Filipenses*  
*Viver na alegria e na esperança, em meio às crises*

*Letter to the Philippians*  
*Living in joy and hope amidst crises*

**Resumo**

Este artigo situa a Carta aos Filipenses no seu tempo e nos sofrimentos do apóstolo Paulo. A descoberta da identidade de Jesus Crucificado no encontro com o Crucificado Ressuscitado no caminho de Damasco revela o modo de ser do Deus dos seus antepassados. Paulo inicia um processo místico que o coloca decididamente a caminho, como ele diz claramente na Carta aos Filipenses: “Não que eu já tenha conquistado o prêmio, ou que já tenha chegado à perfeição; apenas continuo correndo para conquistá-lo, porque eu também fui conquistado por Jesus Cristo” (Fl 3,12).

**Palavras-chave:** Nova visão, processo, *ekklêsia*, diversidades, despojamento, solidariedade, ternura, amorosidade.

**Abstract**

This article places the Letter to the Philippians in its time and relates this context to the sufferings of the apostle Paul. On the way to Damascus, he has an encounter with the Resurrected Crucified One and discovers that the way of being of the God of his ancestor's shines through on the Cross of Jesus. This discovery of faith leads him to begin a mystical process that sets him firmly on his way, as he clearly says: Not that I have already won the prize. I keep running to conquer him, because I too was conquered by Jesus Christ (Phil 3:12). Paul faced opposition and arrests on his mission, but he continued to announce with hope and tenderness the Good News of God in Jesus Christ.

**Key words:** New vision, process, *ekklêsia*, diversities, detachment, solidarity, tenderness, lovingness.

---

<sup>1</sup> Brasileña, licenciada en teología por el SBL de Costa Rica, diplomada en Espiritualidad por la PUComillas de Madrid, maestra y doctora en Ciencias de la Religión en el área de Literatura y Religión en el Mundo Bíblico, por la UMESP - Brasil. Es autora de libros y artículos. Es monja MJC y contribuye con la Lectura Popular de la Biblia en las CEBs, grupos de mujeres y Congregaciones Religiosas.

No caminho de Damasco, uma experiência de encontro com Jesus Crucificado e Ressuscitado acendeu novas luzes na visão de fé do estudioso judeu Paulo de Tarso. Este encontro teve um significado tão forte para ele, que provocou importantes mudanças na sua compreensão e vivência da religião judaica, sem levá-lo jamais a deixar de ser judeu. O encontro de Paulo com Jesus Ressuscitado iniciou um longo e doloroso processo de mudança na vida de Paulo e na cristologia das primeiras comunidades cristãs, na região da Judeia, na Ásia Menor e em Roma.

A condenação à morte na cruz é algo terrivelmente chocante. Para os judeus, ela era tão cruel que contagiava de maldição a comunidade de um condenado à morte de cruz. O seu cadáver não podia permanecer no madeiro. Tinham que enterrá-lo no mesmo dia para não contaminar o povo de maldição, pois ele era um maldito de Deus (Dt 21,22-23). Esta era, também, a visão de Paulo.

A descoberta de que Jesus Crucificado era o Messias mudou a visão que ele tinha de Deus, o mesmo Deus dos seus antepassados. Jesus Cristo Crucificado revela o modo de ser de Deus: despojado, gratuito, generoso, próximo... Inicialmente, esta descoberta foi um choque. Foi uma luz tão forte que o tornou cego. Mas, pouco a pouco, sua visão de Deus foi mudando e Paulo foi se abrindo a novas perspectivas missionárias. Aspecto importante para as primeiras comunidades cristãs.

Ao experimentar o gratuito e misterioso amor de Deus, manifestado na entrega total e despojada de Jesus Crucificado, Paulo iniciou um processo místico que o colocou decididamente a caminho, como ele diz claramente na Carta aos Filipenses: “Não que eu já tenha conquistado o prêmio, ou que já tenha chegado à perfeição; apenas continuo correndo para conquistá-lo, porque eu também fui conquistado por Jesus Cristo” (Fl 3,12).

Paulo se deixou conduzir por esta luz que se irradiava do rosto transfigurado de Jesus Crucificado. Esta gratuita iluminação possibilitará a Paulo de Tarso uma visão nova e coerente de *Yahweh*, Deus dos seus antepassados e se tornará o fundamento da Boa Nova de um Deus Crucificado, que ele anunciou apaixonadamente e que provocou muito sofrimento em sua labor missionária. Mas, Paulo não voltou atrás. Fiel ao envio que recebeu do Crucificado Ressuscitado, ele foi crescendo na fé e no amor.

No caminho de Damasco, Paulo iniciou um processo de amadurecimento teológico e humano, ao encontrar novos significados para sua vida de fé. A centralidade da Torah na sua visão de Deus, própria da tradição farisaica, o levou a fazer e a transmitir uma leitura fundamentalista da antiga Aliança. Mas, a surpreendente descoberta de que o Crucificado de Nazaré da Galileia era o Cristo, o Messias tão ansiosamente esperado pelo seu povo, Paulo se abre ao inédito modo de ser de Deus.

Tomando tempo para acolher esta descoberta, Paulo modifica totalmente sua compreensão da fé judaica, sem levá-lo a deixar de ser judeu, pois esta nova

visão de Deus não descarta a fé e a tradição dos seus antepassados. Esta nova teologia, Paulo a interpreta como graça de Deus. Esta sua visão da divindade estava mais próxima da cosmovisão dos judeus helenistas, que, inspirados pela leitura do Servo Sofredor do profeta Isaías (Is 52,13-53,12) assumiram a Jesus Crucificado como Messias com menos resistências. Ao saírem da Judeia em busca de melhores condições de vida, os judeus helenistas se abriram a uma nova compreensão da Antiga Aliança do seu povo.

No encontro com Jesus, Paulo recebeu um novo olhar para interpretar e viver sua tradição religiosa: “Fui crucificado com Cristo... Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). Em sua nova visão de fé, quem foi crucificado é não somente um inocente, mas um enviado de Deus. Então, na Cruz de Jesus Cristo todo sistema que explora e escraviza, domina e submete foi condenado. O horror da Cruz denuncia os fundamentalismos legais que justificam o empobrecimento das multidões. A Cruz de Cristo é um grito que denuncia toda concentração de poder e de riquezas, gerando sofrimentos e mortes.

### **As diversidades existentes nas *ekklêsiai* cristãs**

Os judeus helenistas participavam de associações (*ekklêsia*) abertas ao diálogo entre diferentes culturas. Em seus encontros se discutia os problemas da vida e da sociedade, iluminados pela fé. Juntos comiam e celebravam a vida com ação de graças. Esta era uma das características da *ekklêsia*: reunião de pessoas que professavam a fé em Cristo, sem restrição de fronteiras e espaços (1Cor 12,13; Gl 3,28; Fl 3,6), mas onde também se formavam muitos e diferentes conflitos.

A diversidade de experiências culturais, religiosas, pessoais e sociais gera sempre interpretações diferentes da vida e da fé. As diferentes visões de fé nem sempre motivam práticas coerentes. Também na *ekklêsia* há pessoas que buscam impor suas próprias opiniões. Mas, uma prática cristã que tem como fundamento a Jesus Cristo, deve abrir-se ao diálogo, com ternura e paciência.

Pouco a pouco, o termo *ekklêsia*, entendido no início como associação, foi adquirindo um sentido mais amplo, através da abertura e fidelidade de Paulo e da participação de missionários e missionárias. Com o tempo, o termo *ekklêsia* passou a ter um sentido universal, como “Igreja de Deus”, sem perder a característica de abertura e diálogo.

As Cartas autênticas de Paulo insistem que as comunidades cristãs necessitam ser abertas à participação de todas as pessoas que acreditavam na Boa Nova do Reino de Deus, anunciada por Jesus Cristo Crucificado e Ressuscitado. Segundo Paulo, esta Boa Notícia abre perspectivas libertadoras e humanizadoras para todos os povos. Viver e anunciar o Evangelho do Reinado de Deus demanda acolhida de todas as pessoas crentes. Com suas diferentes tradições culturais e religiosas, as comunidades cristãs se caracterizam pela comunhão na diversidade.

Nestas primeiras comunidades cristãs participavam judeus e gregos, imigrantes artesãos em busca de insumos e de comércio para seus artesanatos. Desta maneira, nas *ekkêsiai* participavam homens e mulheres, judeus e gentios, escravos e livres, sobretudo artesãos e artesãs. Em um contexto de insegurança, foi-se aprofundando o mistério de Jesus Cristo. Um mistério que se tornava visível na maneira simples e solidária de serem comunidade cristã. Um jeito de resistir através dos encontros que se tornaram, desde o início, um sinal da presença de Jesus Cristo na história do povo (Mt 28,20; Jo 14,18-21).

### **Nova cristologia e novo jeito ser comunidade**

A experiência de *Yahweh* como Deus presente na luta dos povos oprimidos foi sendo confirmada na caminhada, através de encontros que aconteceram depois da iluminação que Paulo recebeu no caminho de Damasco. A acolhida da comunidade de Damasco confirmou nele a fidelidade do Deus dos seus antepassados. *Yahweh* é o mesmo Deus de Jesus Cristo Crucificado. Paulo tomou tempo para aprofundar esta descoberta, antes de ir comunicá-la aos apóstolos, em Jerusalém (Gl 1,15-18).

Ao longo da sua caminhada, Paulo viveu e anunciou a centralidade da fé em Jesus Cristo Crucificado. Uma fé que era nutrida nas visitas às comunidades e nos bilhetes e cartas, nas quais transparece sua contemplação de Jesus Crucificado (Rm 3,23; 2Cor 4,6). Um mistério escondido pela lógica do império, mas presente na simplicidade da vida solidária dos pequenos.

As sombras de conflitos nas relações internas das *ekkesiai*, as perseguições do império romano, os embates e desconfianças com os judeus hebreus, pela acolhida de gentios nas *ekkesiai* sem a circuncisão geravam sofrimentos coletivos e pessoais que Paulo compartilha para sustentar a resistência das comunidades (1Cor 9,1-23).

O conteúdo da Carta aos Filipenses apresenta esta nova maneira de Paulo descobrir a presença de Deus em meio aos inumeráveis conflitos que enfrentou. Uma descoberta que é como um novo amanhecer para Paulo de Tarso para as primeiras comunidades cristãs.

A luz tímida do sol da madrugada não muda a paisagem do novo dia. A luz do amanhecer nos ajuda a contemplar o cenário com prazer e nos situa com esperança em um novo tempo que está surgindo. Esta é uma das características da nova espiritualidade que está em gestação no coração de Paulo. Ele mesmo a expressa em Fl 2,1-11, para ajudar as comunidades a superarem conflitos e divisões entre membros das comunidades e, também, para motivar a articulação que ele estava realizando entre as diferentes *ekkêsiai*.

Tanto na “Carta de Agradecimento” (Fl 4,10-20), como na “Carta do Cativeiro” (Fl 1,1-4,9.21-23), Paulo compartilhou os sofrimentos que enfrentava por causa da Boa Nova de Jesus Cristo que o tocou profundamente e mudou

sua vida. Na Carta aos Filipenses lida também em outras *ekkêsias* formadas por Paulo, a centralidade da fé cristã transparece no rosto do Crucificado. Um rosto desfigurado, coberto de sangue, que não se pode olhar sem desviar a mirada (Is 53,2-3), se torna uma revelação do amor sem medida de Deus, assinando uma Aliança Nova com seu próprio sangue. Jesus Cristo, enviado de Deus, “esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens. E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz” (Fl 2,7-8).

Segundo a Carta aos Filipenses, esta Nova Aliança não somente se cumpriu plenamente na Morte e Ressurreição de Jesus. Ela se expressa na força e coragem que Paulo e sua equipe experimentam para a evangelização e o acompanhamento das comunidades por eles fundadas. Assim como Jesus Cristo, eles e elas tiveram que enfrentar perseguições, resistindo com esperança em um contexto complicado, tanto no aspecto religioso, quanto no social e político.

As consequências dolorosas que Paulo teve que enfrentar para ser fiel ao seu chamado são mencionadas por ele mesmo na Carta aos Filipenses. Uma delas foram as suas prisões (Fl 1,13-14). Pela narrativa de Lucas, em Atos dos Apóstolos, Paulo esteve preso em diferentes lugares: Filipos (At 16,23-34); Jerusalém (At 21,33); Cesaréia (At 23,23) e Roma (At 28,20.30).

A Carta aos Filipenses pode ajudar-nos a situar onde Paulo estava, quando escreveu esta carta: 1 - Paulo tem esperança de ser libertado (1,19); 2 - Manifesta o desejo de voltar a Filipos (1,25-26); 3 - Comenta que sua condenação à prisão por causa de Cristo se tornou conhecida por todo o “Pretório” (1,13); os da “casa do Imperador” (4,22). Estas referências podem levar-nos a pensar que Paulo escreveu mais bilhetes aos Filipenses durante os dois anos que esteve preso em Roma. Mas, também podemos situar Paulo em Éfeso, onde permaneceu durante dois anos e facilitava o contato das comunidades ou *ekklêsiai* com ele.

Naõ encontro um registro seguro da prisão de Paulo em Éfeso. Mas, observando outros dados, podemos situar a Carta aos Filipenses entre os anos 53-54. Provavelmente, Paulo escreveu mais de uma carta aos Filipenses, quando se encontrava em Éfeso, na Ásia Menor. Mas, sabemos que Éfeso era uma cidade que possibilitava mais contatos entre Paulo e as *ekklêsiai* que Paulo tanto amava. A expressão Pretório pode nos remeter a Roma, onde ele esteve preso nos últimos anos de sua vida. Mas, a palavra Pretório pode ser entendida como um tribunal ou guarnição policial que existia em cada região do império romano.

Apesar das circunstâncias, Paulo não perdia a esperança de regressar às comunidades cristãs mais distantes, como a de Filipos com a qual criou laços de profundo bem-querer (Fl 4,1). Em uma bonita relação de troca, carinho e cuidado, as comunidades de Filipos partilhavam com Paulo o dinheiro necessário para sua subsistência na prisão, o que já faziam anteriormente, colaborando nas suas viagens missionárias. Eram atitudes afetivas de reconhecimento que se tornaram motivos de ação de graças (Fl 4,19-20).

## Conflitos internos e busca de resolvê-los

A missão incansável de Paulo para anunciar o Evangelho, fundar e acompanhar *ekkêsiai* tinha como objetivo acender luzes e criar espaços para que a comunicação da Boa Nova de Jesus Cristo se espalhasse. Uma missão intensa e apaixonada, realizada sempre em equipe, com participação de mulheres e homens (Rm 16,1-16). Na Carta aos Filipenses encontramos muitas expressões de ternura, amizade, cuidado e gratidão. Em cada comunidade, Paulo foi construindo relações de diálogo, serviço mútuo, abertura e bem querer, para motivar relações que anunciassem a Boa Nova de Jesus Cristo pelo anúncio da Palavra e pelo carinho nas relações.

Apesar das dificuldades geradas pelo sistema imperial e pelas contradições internas de cada pessoa na *ekkêsia*, as primeiras comunidades cristãs se multiplicaram rapidamente por toda a Ásia Menor, atual Turquia. O que as unia era a Boa Notícia de Jesus Cristo, Crucificado e Ressuscitado, como transparência do modo de ser do Deus de Jesus. É a novidade de Deus acontecendo em tempos muito difíceis e animando a resistência em uma caminhada conjunta, na contramão do império.

Mas, as competições, invejas e boatos continuaram e dificultaram as relações dentro das comunidades e entre elas. A superação desses conflitos será sempre graça de Deus, que necessita de abertura pessoal e comunitária ao diálogo para serem superadas (Fl 3,15-16). Porém a solução destas dificuldades não acontece como um milagre. A superação dos conflitos supõe muito diálogo e o reconhecimento dos limites pessoais. Supõe também a sensibilidade e a compaixão com o sofrimento alheio, organizando solidariedade.

Nas circunstâncias de conflito, o apóstolo Paulo não tomava posição a favor de um grupo ou de um tema que suscitava contentas e divisões dentro das comunidades. Ele buscava compreender as situações a partir de uma visão de fé. Sua admoestação sempre recorre ao rosto de Deus manifestado em Jesus Crucificado, que despojando-se do poder de Messias, se aproxima da humanidade como escravo (Fl 2,6-11). Este é uma revelação do jeito de ser de Deus. Esta é a maneira de ser na *ekklêsia*, para ser um sinal da presença de Deus no mundo.

Ele mesmo, Paulo, buscou viver este modo de ser de Deus, assumindo a graça de contemplar e de acolher o mistério de um Messias Crucificado em sua própria carne: “Estou crucificado com Cristo. Já não sou eu quem vivo. É Cristo que vive em mim; e a vida que agora vivo é pela fé no Filho de Deus” (Gl 2,20).

A vida de Paulo, totalmente despojada, trabalhando com as próprias mãos para não ser pesado a ninguém (1Cor 4,12; At 18,3), incansável nas viagens e reuniões, orando e comunicando-se constantemente com as *ekkesiai* mostra a surpreendente força da Cruz de Jesus Cristo (2Cor 4,7-10). Uma força alimentada pela mística que transparece na vida de Paulo: “Doravante ninguém mais me moleste. Pois, eu trago em meu corpo as marcas de Jesus” (2Cor 4,10; 6,4-6;

11,23-28; Cl 1,24). Marcas que, seguramente, são cicatrizes dos açoites suportados para compartilhar o Evangelho do amor

### **Apesar dos conflitos, Paulo vive e anuncia a esperança**

Uma esperança que o apóstolo Paulo comunica na Carta aos Filipenses é de que “Jesus Cristo transformará nosso corpo de humilhação em corpo de glória” (Fl 3,21). O que entendemos como “corpo de glória”? Entendo que são pessoas que alimentam uma espiritualidade amorosa, terna, militante, que manifesta o amor gratuito de Jesus. São pessoas ressuscitadas, solidárias, corajosas que contemplam Jesus Cristo nos crucificados e crucificadas de hoje.

A esperança solidária destas pessoas se torna uma luz que possibilita uma nova visão de Deus, do mesmo Deus do Êxodo. A luz destas pessoas e suas comunidades reflete a presença de Deus nas igrejas e na sociedade. Um rosto de Deus que se contempla “sem veus” no semblante desfigurado de Jesus Crucificado das pessoas desprezadas por preconceitos sociais e morais (Isaias 52,14). As comunidades abertas e acolhedoras revelam a verdadeira identidade do Deus de Jesus.

Ao reunir nas *ekklesiai* pessoas excluídas e desprezadas, Paulo incomodava tanto os crentes das sinagogas e de outras religiões, como também as autoridades locais. A união de pessoas diferentes e acolhidas com a mesma consideração é perigosa. A comunhão de pessoas fortes e fracas, saudáveis e doentes, mulheres e homens, lembrando a todos que é preciso pensar e agir no plural, pois este é o modo de agir de Deus (1Cor 9,22) é uma proposta esperançosa e profética. A estratégia de Paulo ao fundar e acompanhar *ekklesiai* era coerente com a Boa Nova de Jesus Cristo, mas ele teve que pagar um preço muito alto por esta estratégia evangélica.

### **Desde o começo, Paulo enfrentou oposições por causa da Boa Nova**

Segundo os Atos dos Apóstolos, houve discórdia e divisões entre Paulo e Barnabé (At 15,36-40); confronto com Pedro, diante da comunidade de Antioquia. Uma discórdia que deixa transparecer o controle de Tiago (Gl 2,11-2). Neste desabafo de Paulo, podemos perceber que Tiago envia judaizantes de Jerusalém para espiar a acolhida de Paulo aos gentios não circuncidados, na mesa comum. A narrativa dos Atos dos Apóstolos, cerca de 30 anos mais tarde, deixa transparecer a autoridade de Tiago em relação às comunidades da Judeia (12,17).

As dificuldades de convivência necessitavam de ajuda. Em suas cartas Paulo insiste nas relações de ternura nas *ekklesiai*: “É isto o que eu peço; que vosso amor cresça cada vez mais, em conhecimento e em sensibilidade” (Fl 1,9). Paulo se refere a Evódia e Síntique, exortando-as para que “sejam unânimes no Senhor” (Fl 4,2). Esta exortação nos mostra a importância destas duas

mulheres para a evangelização e formação das *ekklēsiai*. Ele pede a Sízico que lhes preste auxílio, “porque elas o ajudaram na luta pelo evangelho, junto com Clemente e demais companheiros” (Fl 4,3).

Em um contexto de desentendimentos, Paulo manifesta carinho e gratidão a Evódia e Síntique, chamando-as de companheiras *synergoy*, porque elas participam com ele e toda a sua equipe de construção das *ekklēsiai*. Portanto, não se trata de mulheres disputando espaço dentro da comunidade de Filipos, como algumas pessoas interpretam. Este conflito pode ser situado em uma etapa de divisões, desentendimentos, ameaças e formação de subgrupos em diferentes comunidades (Fl 2,1-4; 1Cor 1,11-12; 1Cor 3,22-23; At 18,24).

Paulo buscou colocar as pessoas consideradas néscias ou torpes na coordenação das comunidades (1Cor 12,18.22-24), para chamar a atenção sobre o modo de ser de Deus. Um modo de ser revelado no despojamento de Jesus Crucificado, como já vimos em Fl 2,1-11. Mas, sabemos que uma coordenação com estas características não dura muito. Para superar as divisões internas, Paulo insiste no acontecimento que transformou seu olhar, sua maneira de ver Deus, seu jeito de ser: a Cruz de Jesus Cristo. Do rosto desfigurado do Crucificado surge uma luz que gera coesão, superando ambições pessoais: “Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus (Fl 2,5).

### **Viver na alegria, liberdade e esperança**

A Aliança de Deus com grupos de imigrantes e caminheiros, gente sem-terra em busca de vida na liberdade, encontrou muitos problemas para constituir-se em uma convivência comunitária tranquila, desde o começo. A repetição da memória do êxodo e das experiências de Deus na caminhada pelo deserto é uma estratégia importante para gerar coesão, através da fé. A diversidade destas narrativas costuradas por Paulo, têm a mesma finalidade. Não representam apenas questões litúrgicas e teológicas. São diferentes experiências e visões de Deus, que se configuram em diferentes teologias, mas têm em comum o rosto de Deus dos pobres e desprezados.

Tanto as Cartas autênticas de Paulo como o livro dos Atos dos Apóstolos deixam claro que havia muitos conflitos na trajetória missionária de Paulo. “O que foi descoberto na Cruz de Jesus não é uma novidade que o obrigue a abandonar suas tradições, mas voltar ao mais radical e genuíno delas” (Gil Arbiol, 2018, p. 67). Uma radicalidade que manifestava ao mesmo tempo a fidelidade e liberdade de Paulo e, também, sua experiência de Deus. Uma visão de Deus que pode ser contemplada em Jesus Cristo Crucificado (Fl 2,1-11).

Sem poder ajudar presencialmente as comunidades, Paulo compartilha algo sobre seus sofrimentos e sua luta para levar adiante a missão que recebeu. Fica sabendo das dificuldades que as comunidades estão vivendo nas suas relações internas e com as sinagogas do seu tempo. Ele tem informações sobre

os conflitos presentes nas comunidades e entre elas: “Pois há muitos dos quais muitas vezes vos disse e agora repito, chorando, que são inimigos da cruz de Cristo” (Fl 3,18). Mas, ele não se detém no sofrimento. Ousa levar adiante a caminhada e animar as comunidades com uma contagiante e serena alegria: “Alegrai-vos sempre no Senhor” (Fl 3,1; 1,18.25; 2,2.17.18.28.29; 3,1; 4,1.4.10).

O apóstolo Paulo reconhece que há pessoas que dificultam a caminhada e fala com ironia dos inimigos da caminhada de libertação que as *ekklesiai* estão fazendo. Não se irrita, mas faz um trocadilho bem-humorado com a palavra “cães” (Fl 3,2). Esta expressão era usada no passado pelos judeus, para se referir aos gentios. Agora, Paulo a usa para falar dos fariseus que insistiam na circuncisão dos gentios. Ele pede que as pessoas que participam das primeiras comunidades cristãs tenham cuidado para não se deixarem enganar, porém não percam a alegria. Insiste que o caminho do seguimento de Jesus é de doação e despojamento, que exige disponibilidade para servir e também liberdade para perdoar.

## Conclusão

Escrita por volta do ano 53 do século I, a Carta aos Filipenses nos traz uma partilha bonita, resumida e verdadeira da vida de Paulo, desde o seu nascimento. Ele mesmo nos conta que “foi circuncidado no oitavo dia, que era israelita de nascimento e que pertencia a tribo de Benjamim. Era um cidadão culto, um doutor da Lei, educado dentro da tradição judaica e irrepreensível em relação à prática e estudo da Lei (Fl 3,4-12). Poderia ter sido um excelente e famoso professor judeu, ensinando em importantes sinagogas. Mas, deixou tudo para seguir a Jesus, conhecê-lo mais profundamente e torná-lo conhecido. Todas as vantagens que sua história lhe oferecia, Paulo considera como lixo (Fl 3,7-14).

A Carta aos Filipenses é uma partilha amorosa e confiante. Uma comunicação das suas experiências, ao mesmo tempo dolorosas e iluminadoras. Paulo a escreve não para se envaidecer, mas para ajudar a comunidade de Filipos a assumir o caminho de Jesus. Partilhando sua vida, o apóstolo Paulo ajuda os filipenses a relativizarem os problemas de convivência nas relações comunitárias e na luta contra seus opositores judeus, que ele chama de “cães”. São fariseus que se tornaram cristãos e insistem na circuncisão de gentios como condição para entrar comunidades cristãs. Paulo partilha sua vida para incentivar a comunidade de Filipos a acolher as diversidades, viver na alegria de crer e de amar, deixando-se amar por Jesus Cristo.

## **Bibliografia**

- Lopes, M. (2021). Carta aos Gálatas. Na inclusão e comunhão somos igreja em saída. São Leopoldo: CEBI.
- \_\_\_\_\_ (2009). *Paulo, um evangelizador em continua e profunda conversão*. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/de 09/02/2009>.
- Mesters, C. y Lopes, M. (2005). *Elogio da amizade – Círculos Bíblicos sobre a Carta aos Filipenses*. São Leopoldo: CEBI.
- Gil Arbiol, C. (2018). *Paulo na origem do Cristianismo*. Tradução Paulo F. Velério – São Paulo: Paulinas.
- \_\_\_\_\_ (2018). *La Cruz y el Imperio en el proyecto de Pablo: el contexto social de la innovación teológica*. Em *Paulo, contextos e leituras*, Telmo José Amaral de Figueiredo e Fabrizio Zandonal Catenassi (orgs), São Paulo Paulinas, ABIB, pp. 59-103.